

A adoração a Deus no Êxodo: a construção do Tabernáculo

Contexto do tema

Ex 19 a 24 = após três meses da saída do Egito, o Povo de Deus chegou ao deserto chamado Sinai e acampou aos pés da montanha. No topo da montanha, Moisés recebeu uma descrição exata de como deveria ser construído o lugar de culto e instituído o sistema cultural.

Ex 25 a 31 = durante aproximadamente 2 anos, seguindo as prescrições divinas, foi construído o Tabernáculo (ou Santuário). Feito o Tabernáculo, foi instituída uma tribo para ser garante do culto: a Tribo de Levi.

Ex 35 a 39 = é quase uma repetição literal da seção anterior, mencionando como foram executadas as ordens dadas, que ali podem ser encontradas.

A construção do Tabernáculo

Em **Ex 25,8** lemos que foi próprio Deus quem mandou construir-lhe um santuário. Ele quis morar em meio ao seu povo! Foi então construída uma tenda móvel que podia ser montada e desmontada, acompanhando a peregrinação do povo pelo deserto.

Para entender o pedido de Deus, de acordo com a mentalidade religiosa daquele tempo e daquelas pessoas – é preciso compreender a concepção religiosa dos povos antigos:

- os povos *sedentários* pensavam a divindade morasse no alto da montanha;
- os povos *nômades* acreditavam que a divindade os acompanha. Carregavam sempre consigo uma “tenda sagrada” de couro tingido de vermelho, na qual colocavam seus ídolos.

Ex 35,30-35 = Deus mesmo planeja o Tabernáculo nos mínimos detalhes. É Ele quem convoca o engenheiro Beseleel (cf. Ex 35,30), o qual estava “cheio do espírito de Deus, de sabedoria, entendimento e conhecimento”) e o mestre de obras Ooliab, (cf. Ex 35,34) que respondem com generosidade ao chamado divino e são cumulados de dons e habilidades para a construção.

1. Definição

O Tabernáculo, também conhecido como *mishkan* em hebraico, desempenhou um papel crucial na história do povo de Israel. Nele, eram guardados objetos e utensílios sagrados, incluindo a Arca da Aliança. A palavra “tabernáculo” tem origem no latim *tabernaculum*, que significa “tenda” ou “abrigo”. Ele também era chamado de:

“Santuário” – Ex 25,8 (Vulg. *Sanctuarium*)

“Habitação” – Ex 26,1 (Vulg. *Habitaculum*)

“Tenda da Reunião” – Ex 33,7 (Vulg. *Tabernaculum conventus*)

O Tabernáculo era um espaço de comunicação entre Deus e o povo. Era também o local onde Moisés se encontrava com o Senhor e onde Deus falava com ele. Deus ordenou a Moisés que construísse o Tabernáculo para que o povo tivesse um lugar de referência para a adoração. Isso proporcionava segurança e lembrava aos israelitas da presença divina por onde quer que andassem.

2. Estrutura

Segundo Ex 26,18.20.22 e Ex 36,20-34, o Tabernáculo media aproximadamente 4,6 metros de largura por 13,7 metros de comprimento e cinco de altura.

As paredes eram formadas por tábuas largas/pranchas de madeira de acácia, encaixadas umas às outras. Segundo Ex 26,16, cada prancha tinha dez côvados de altura (mais ou menos quatro metros e meio) e um côvado e meio de largura (aproximadamente 67 centímetros).

- ⇒ O côvado era unidade de medida que equivalia aproximadamente à distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio da mão de um homem ou, ainda, a dois palmos, variando entre 45 cm e 50 cm (cf. Bíblia de Jerusalém, pág. 2192; Bíblia da CNBB, pág.1737).

As pranchas eram encaixadas e mantidas juntas por travessas ou vigas que passavam por argolas situadas no lado exterior, sendo que a quinta travessa (a do meio) passava por dentro das pranchas e não por fora (cf. Ex 26,28).

Todas as pranchas, argolas e travessas eram cobertas de ouro (cf. Ex 26,29). Tudo repousava sobre bases de prata (duas para cada tábua/prancha cf. Ex 26,19.20.25) que pesavam um talento cada uma (cf. Ex 38,27).

- ⇒ O talento era unidade de peso que, no Antigo Testamento, equivalia a 34,3 kg (cf. Bíblia de Jerusalém, pág. 2192; Bíblia da CNBB, pág.1737).

3. Cobertura do Tabernáculo

Para recobrir o Tabernáculo usavam-se quatro tipos de coberturas, colocadas em camadas:

- a. Por baixo de tudo, cobrindo o Tabernáculo, **dez cortinas de linho fino retorcido**, de cor púrpura violeta, púrpura escarlate e carmesim (vermelho) com querubins bordados, presas com colchetes/presilhas de ouro (Ex 26,1-6; 36,8-13). Cada uma tinha mais ou menos quatorze metros de comprimento e dois metros de largura e eram juntadas em dois jogos de cinco cortinas. Cobriam inteiramente o Tabernáculo (Ex 26,6).
- b. Sobre as cortinas de linho, **onze cortinas de pelo de cabra**, presas com colchetes/presilhas de bronze (cf. Ex 26,7-11). Cada uma tinha mais ou menos quinze metros de comprimento e dois metros de largura e eram juntadas em dois jogos: o primeiro, com cinco cortinas, e o segundo, com seis cortinas. Eram cortinas maiores que as anteriores e caíam em ambos os lados (cf. Ex 26,7.13).
- c. Sobre as cortinas de pelo de cabra, colocava-se **uma cobertura feita com peles de carneiro tingidas de vermelho** (cf. Ex 26,14; 35,7.23; 36,19; 39,34).
- d. Cobrindo tudo havia **uma cobertura de couro fino** (cf. Ex 26,14; 35,7; 36,19; 39,34).

4. Separação interna do Tabernáculo

Dentro do Tabernáculo, havia uma cortina (também conhecida como “véu”) que dividia o recinto em dois compartimentos: o “Lugar Santo” e o “Santo dos Santos” ou “Lugar Santíssimo”. Essa cortina, com querubins desenhados, era apoiada em quatro colunas internas cobertas de ouro, apoiadas em bases de prata (cf. Ex 26,31-32).

- ⇒ A cortina ou véu simbolizava a separação entre o santo e o profano, entre Deus e os homens. Foi esse véu (já no segundo Templo, em Jerusalém) que se rasgou quando Jesus morreu na

cruz (cf. Mt 27,51; Mc 15,38; Lc 23,45), pois sua morte rompeu essa distância e nos concedeu total acesso a Deus. Com isso, ficou também suprimido o antigo culto mosaico (cf. Hb 9,12; 10,20).

No primeiro compartimento – o **Santo dos Santos** ou **Lugar Santíssimo** – era colocada a Arca da Aliança. Nele entrava apenas o Sumo Sacerdote uma vez por ano, no dia da expiação, cf. Lv 16,2.14-16.18-19.

No segundo compartimento – o **Lugar Santo** – estavam o altar do incenso, a mesa com os pães da proposição (do lado norte) e o candelabro de sete braços ou menorá (do lado sul). Nesse compartimento os sacerdotes de turno entravam diariamente, pela manhã e pela tarde, para dar culto a Deus.

Na porta do Tabernáculo, havia cinco colunas cobertas de ouro apoiadas sobre bases de bronze, que também sustentavam uma cortina (cf. Ex 26,36-37).

5. Objetos e utensílios que estavam no interior do Tabernáculo

No “Santo dos Santos” ou “Lugar Santíssimo” estava colocada a **Arca da Aliança**. A Arca era uma caixa/estojo retangular de madeira de acácia com mais ou menos um metro e dez centímetros de comprimento, sessenta e seis centímetros de largura e sessenta e seis centímetros de altura (cf. Ex 25,10-16; 37,1-9). Dentro da arca estavam as tábuas da Aliança (cf. Ex 25,16.21), um vaso de ouro com uma porção de maná e a vara de Arão que tinha florescido (cf. Hb 9,4).

- ⇒ Para conhecer a história da arca, consultar: Js 3,3; 6,4; 1Sm 4-6; 2Sm 6; 1Rs 8,3-9. A Bíblia de Jerusalém (pág. 138) em nota a Ex 25,10 diz: «Ela desapareceu por ocasião da ruína de Jerusalém [587-586 a.C.] (ou talvez desde o reinado de Manassés [687-642 a.C]) e não foi reconstruída (cf. Jr 3,16)». Mas, sobre isso, vamos falar daqui a algumas semanas.

A tampa da Arca, chamada de **propiciatório**, era artística, de puro ouro batido, e, sobre ela, estavam dois querubins voltados um para o outro, com as asas para cima de modo a protegê-la (cf. Ex 25,17-21). De cima do propiciatório, do meio dos dois querubins, Deus falava com Moisés (cf. Ex 25,22; Lv 16,2; Nm 7,89). Ele funcionava como um suporte/pedestal para o Deus invisível de Israel (cf. Nm 10,35-36; 1Sm 4,4).

- ⇒ “Os dois querubins que cobriam o Propiciatório olhavam um para o outro com seus rostos voltados ao Propiciatório. Se chamamos os querubins de ‘plenitude de conhecimento’, o que podem significar esses dois querubins senão os dois Testamentos? E o que significa o Propiciatório senão o Senhor Encarnado, do qual João diz: ‘Ele mesmo é a vítima de propiciação pelos nossos pecados’ (cf. 1Jo 2,2)?”: S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 2,25,3.

No “Lugar Santo” estavam colocados três objetos sagrados:

- a. A **mesa dos pães da proposição** era de madeira de acácia coberta de ouro. Media mais ou menos um metro de comprimento por cinquenta centímetros de largura e setenta e cinco centímetros de altura (cf. Ex 25,23-30; 37,10-16). Nas extremidades, havia argolas pelas quais passavam os varais que serviam para transportar a mesa. Sobre ela, eram colocados doze pães em duas fileiras de seis e, sobre cada fileira, incenso puro. Os pães, sem fermento, eram oferecidos a Deus (cf. Ex 25,30) e eram reabastecidos todos os sábados, sendo consumidos por Aarão e seus

filhos sacerdotes (cf. Lv 24,5-9). Seu simbolismo era como “colocar a mesa para Deus” – sinal de intimidade e comunhão.

- b. O **candelabro de ouro** ou **menorá** era de ouro puro, com sete braços ornados como flor de amêndoa, e pesava um talento (aproximadamente 34 kg). Em cada braço havia lâmpadas alimentadas com azeite puro de oliva, que eram acesas cada tarde e apagadas cada manhã (cf. Ex 25,31-40; 27,20-21; 37,17-24; Nm 8,1-4).
- c. O **altar do incenso**, embora colocado no Lugar Santo, voltado em direção à Arca, era considerada uma peça do Santo dos Santos (cf. Hb 9,1-10). Era de madeira de acácia, recoberto de ouro, e media aproximadamente cinquenta por cinquenta centímetros e um metro de altura (cf. Ex 30,1-10; 37,25-28). Nas extremidades, tinha quatro chifres (pontas erguidas) e quatro argolas dos lados por onde passavam dois varais quando devia ser carregado.

6. Átrio exterior

O **átrio (pátio)** separava o Tabernáculo do acampamento. Era um recinto retangular fechado por uma barreira de colunas e varetas de bronze que seguravam um cortinado de linho. Tinha aproximadamente 22,5 metros de largura por 45 metros de comprimento (cf. Ex 27,9-19; 38,9-20).

Era cercado por cortinas de linho fino retorcido (cf. Ex 27,9) com 2,3 metros de altura, seguradas por quarenta colunas de bronze, com bases de bronze, ganchos e vergas de prata, distribuídas em vinte colunas do lado sul e vinte colunas do lado norte. Todas as colunas ao redor do átrio eram ligadas por vergas de prata; seus ganchos eram de prata, e as suas bases, de bronze (Cf. Ex 27,17). No lado oeste (fundos), as cortinas tinham mais ou menos vinte e cinco metros, seguradas por dez colunas com bases de bronze, com ganchos e vergas de prata.

No lado oriental, pelo qual se entrava no átrio, havia uma entrada com quatro colunas e quatro bases de bronze, com revestimento das cabeças e das vergas e ganchos de prata (Cf. Ex 27,18; 38,18-20), com uma cortina de tecidos azul, púrpura violácea e escarlate e carmesim. Aos lados dessa entrada principal, seguiam cortinas de linho fino retorcido, como nas laterais do átrio, fixadas em três colunas e três bases.

- ⇒ Nas cores usadas nos tecidos das cortinas e vestimentas do antigo culto sobressai a “púrpura violácea” e a “púrpura escarlate”. São tonalidades obtidas com a mistura das cores primárias vermelho e azul. São Gregório Magno interpreta assim as duas tonalidades de púrpura: “Na antiga Lei se mandava oferecer, para o ornamento do Tabernáculo, púrpura duas vezes tingida, para que a nossa caridade se apresente diante dos olhos do Senhor tingida com as duas cores do amor de Deus e do próximo”: S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 1,17,11.

7. Objetos e utensílios que estavam no átrio exterior

No Átrio, lugar no qual se realizavam os sacrifícios, havia praticamente dois objetos sagrados:

- a. O **altar dos holocaustos** ou **altar de bronze** (cf. Ex 27,1-8; 38,17) era de madeira de acácia, coberto de bronze, e media aproximadamente dois metros e meio de largura por dois metros e meio de comprimento por um metro e meio de altura. Em cada extremidade do altar havia chifres cobertos de bronze. Sobre esses chifres se aplicava parte do sangue dos sacrifícios e, a outra parte, se derramava aos pés do altar (cf. Ex 29,12). Os criminosos podiam agarrar-se a esses chifres, como sinal de proteção, para se proteger dos castigos (cf. 1Rs 1,50;2,28).

Para os sacrifícios no altar de bronze existiam bacias para o sangue dos animais, garfos e braseiros para queimar as ofertas, recipientes para recolher a sua cinza, tudo de bronze (cf. Ex 27,19). A grelha de bronze era em forma de rede e tinha quatro argolas nos cantos, sendo colocada dentro do altar até a metade da sua altura. O altar de bronze também tinha argolas na parte externa, por onde se passavam os varais de madeira de acácia coberta com bronze para ser carregado.

- b. A **bacia de bronze** (cf. Ex 30,17-21) foi feita com os espelhos antigos das mulheres (cf. Ex 38,8) e era o recipiente no qual os sacerdotes faziam as abluções rituais, lavando as mãos e os pés antes de servir ao culto.

8. De onde veio tanto material?

Deus ordenou ao povo que trouxessem contribuições para a construção do Tabernáculo (cf. Ex 25,1-9; 35,20-29). **Ex 36,2-6** diz que o povo foi tão generoso que Moisés precisou fazer um apelo especial para interromper o fluxo de contribuições. O resultado da coleta foi uma verdadeira abundância de materiais para completar a obra e ainda sobrou (cf. Ex 36,7). Para se ter uma ideia do material utilizado, basta pensar que o total de ouro empregado foi de 993,88 Kg em talentos + 8,32 Kg em siclos (cf. Ex 38,24).

⇒ Ao sair do Egito, o povo pediu aos seus vizinhos doações em ouro e prata para a viagem.

Ex 11,2-3a = Deus diz a Moisés: “Dize, pois ao povo, que todo homem peça ao seu vizinho e toda mulher peça à sua vizinha objetos de prata e de ouro. E Deus fez com que o povo encontrasse graça aos olhos dos egípcios”.

Ex 12,35-36 = “Os israelitas fizeram como Moisés havia dito e pediram aos egípcios objetos de prata, objetos de ouro e roupas. Deus fez com que o seu povo encontrasse graça aos olhos dos egípcios, de maneira que estes lhes davam o que pediam; e despojaram os egípcios”.

9. Por que tantos materiais nobres?

Ex 25,3-7 apresenta a lista dos materiais que Deus pediu: ouro, prata e bronze, tecidos finos, couro e peles curtidas, pedras preciosas.

Em primeiro lugar, tudo deveria ser o mais bonito possível, para que fosse um reflexo daquele “modelo” que Deus mostrara a Moisés no alto da montanha (cf. Ex 25,9.40; 26,30; 27,8; Nm 8,4). Já na visão de Deus, Moisés havia visto que “Debaixo de seus pés havia como um pavimento de safira, tão pura como o próprio céu” (Ex 24,10). Portanto, o Tabernáculo refletia e, ao mesmo tempo, anunciava e prefigurava o Santuário do Céu (cf. Hb 8,2). O livro do Apocalipse, falando da Jerusalém celestial diz que “seu esplendor é como o de uma pedra preciosíssima, uma pedra de jaspe cristalino” e mais: “o material da sua muralha é jaspe, e a cidade é de ouro puro, semelhante a um vidro límpido. Os alicerces da muralha da cidade são recamados com todo tipo de pedras preciosas” (Ap 21,11.18-19). Ali, tudo resplandece e espelha a glória de Deus.

A estrutura do Tabernáculo era de madeira de acácia (cf. Ex 26,15). Uma madeira nobre, forte, durável e que, ao mesmo tempo, podia ser bem trabalhada fornecendo uma estrutura firme que representava a força e a estabilidade, como um símbolo da presença constante e confiável de Deus.

Havia, certamente, um motivo muito prático para a utilização de madeira nobre, metais preciosos e resistentes e tecidos de ótima qualidade: durabilidade e flexibilidade. As madeiras nobres são mais pesadas, densas e apresentam alta resistência ao ataque de fungos e insetos. Além disso, possuem

um agradável aspecto estético e são isentas de odor. A durabilidade e brilho dos metais e das pedras preciosas também contavam para a sua conservação e estética. Eram características necessárias para a estrutura que devia ser montada e desmontada continuamente e para objetos e tapeçarias utilizados nas condições climáticas difíceis do deserto.

10. A conclusão dos trabalhos

Os cap. 36-39 do Êxodo falam da execução das instruções divinas: tudo o que o Senhor comunicou a Moisés (cf. os cap. 25 a 31) foi fielmente executado, com uma diferença na sequência: enquanto a arca, a mesa e o candelabro (cf. Ex 25,10-39) são as primeiras da lista de fabricação, na verdade a primeira coisa a ser construída foi a tenda (cf. Ex 26,1-37). O trabalho começou de fora para dentro. De todos os modos, o produto final corresponde exatamente às orientações iniciais:

- a) Tapeçaria, cobertura, estruturas de madeira e véus: Ex 36,8-38 = Ex 26,1-29.31-37
- b) Arca, propiciatório, mesa, menorá: Ex 37,1-24 = Ex 25,10-39
- c) Altar dos perfumes; óleo e perfumes puros: Ex 37,25-29 = Ex 30,1-6.23-25.34-36
- d) Altar dos holocaustos e átrio: Ex 38,1-7.9-20 = Ex 27,1-19
- e) Vestes sacerdotais e outros: Ex 39,1-31 = Ex 28,1-43

A glória do Senhor encheu o Tabernáculo. Quando o trabalho terminou, marcou-se o dia da consagração e, nessa hora, aconteceu um fato milagroso. Assim como no Monte Sinai (modelo do culto), a nuvem cobriu a tenda da reunião e a glória do Senhor encheu o Tabernáculo (Morada), cf. Ex 40,34-38. O Santuário do deserto «captou» a experiência do Sinai e a imortalizou. A nuvem também era o selo de aprovação de tudo o que Moisés e os israelitas fizeram e, daquele momento em diante, desempenharia as funções da antiga coluna de nuvem e fogo que guiara o povo na saída do Egito (cf. Ex 13,21-22; 14, 19-20). Ela sempre daria o sinal, indicando quando e por quanto tempo Israel deveria montar acampamento e quando deveria levantá-lo (cf. Nm 9, 15-23).

11. Simbolismo do Tabernáculo:

O Tabernáculo era mais do que uma estrutura física: era um símbolo da relação entre Deus e Seu povo escolhido.

O Tabernáculo era uma preparação para o Templo de Jerusalém: o Santuário do deserto era um templo desmontável com exatamente metade do tamanho do templo que Salomão construiria em Jerusalém aproximadamente 480 anos mais tarde (cf. 1Rs 6,2.16-17). O Tabernáculo preparava o povo para a instituição do Templo.

O Tabernáculo era uma prefiguração do Santuário do Céu: ele prefigurava algo maior que Deus tinha mostrado a Moisés na montanha: como já dissemos, era uma construção de caráter transitório que indicava o Santuário definitivo que está no Céu. Cf. Ex 25,8-9.40 – Hb 8,2.

- ⇒ “Quando diz: ‘Farás tudo de acordo com o Tabernáculo que eu te mostro’, primeiro o chamou ‘modelo’ e ‘Tabernáculo’ temporal para dar a conhecer que era passageiro e que deveria dar lugar à Igreja, que é a realidade perfeita que permanece eternamente. E deviam honrá-lo porque era imagem do Tabernáculo celestial”: S. Efrén da Síria, *Comentário sobre o Êxodo*, 25,1.

Pe Dr Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

Introdução, comentários e notas ao Livro do Êxodo da BÍBLIA DE JERUSALÉM e da BÍBLIA DA CNBB.

AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 3: *Éxodo – Levítico – Números – Deuteronomio*, Madrid, Ciudad Nueva, 2003.

BACKHOUSE, R., *The student Bible Guide to the Temple*, London, Candle Books, 1996.

CRAGHAN, J.F., «Êxodo» in BERGANT, D. – KARRIS, R. (org.), *Comentário bíblico*. Vol.1., 8ª ed., Trad. Barbara Lambert, São Paulo, Loyola, 2014, 91-120.

GIRONI, P., *Ebrei - Israeliti - Giudei*, in <https://www.la-domenica.it/guida-all-ascolto-della-parola-di-dio-24.html>

VIGINI, G., *Dizionario della Bibbia*, Città del Vaticano, L.E.V., 2016.

VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*, Vol.1, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Astetargumin, 2006.

